



Na realidade, é cada vez mais profundo o fosso que separa os conhecimentos médicos, progressivamente sofisticados, da prática concreta da saúde. Em outras palavras, sabe-se muito e cura-se pouco, sobretudo nos Países menos desenvolvidos e, particularmente, no que se refere à mulher.

# A MULHER E O DILEMA DA MEDICINA NO TERCEIRO MUNDO

Folha de S. Paulo  
Artigo publicado em 28.12.88

**E**stranho mundo o nosso. Prega ardorosamente virtudes de igualdade e prática, com desinibição, a desigualdade. Promove acúmulo fantástico de conhecimentos científicos e tecnológicos, inédito na história humana, e os mantém acessíveis apenas a detentores de privilégios sócios econômico-culturais. Celebra a igualdade de direitos a cidadãs e submete a maioria das mulheres a condições de vida opressivas e subumanas.

A medicina enfrenta atualmente o mesmo dilema. É opinião corrente que quanto maior o acúmulo de tecnologia médica, melhores e eficientes serão as ações de saúde.

Entretanto, trata-se de raciocínio simplista e simplificador. Na realidade, é cada vez mais profundo o fosso que separa os conhecimentos médicos, progressivamente sofisticados, da prática concreta da saúde. Em outras palavras, sabe-se muito e cura-se pouco, sobretudo nos Países menos desenvolvidos e, particularmente, no que se refere à mulher.

Costuma-se abordar este problema propondo-se uma organização mais eficiente do sistema de saúde, onde

racionalização e otimização de recursos disponíveis resultaria em sistema de atendimento melhor e mais eficaz.

Ressalta-se, também, o papel da pesquisa operacional, cujo objetivo é o estabelecimento de novos e melhores procedimentos médicos, setor onde atuam com desenvoltura, através de força-tarefa comum, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia (FIGO). Sem grande obstáculo à transposição da distância entre a teoria e prática médica é a marginalidade dos Países do terceiro Mundo, em relação aos processos de investigação e pesquisa no campo da saúde. Quem não pesquisa sempre enfrenta dificuldades na aplicação do crescimento acumulado. Por isso, é fundamental somar-se aos louváveis esforços empreendidos pela pesquisa operacional. Um esforço de capacitação científica em todos os níveis. E isto, sem se apelar a surrados chavões, como abundância de recursos financeiros e sofisticação tecnológica, como condições "sine qua non" para o desenvolvimento das pesquisas mais adequadas à realidade de cada País ou região. Basta lembrar que mesmo pobre e carente de base tecnológica sólida, a América Latina é responsável por inúmeras descobertas revolucionárias na área médica.

Outro obstáculo importante é a ausência de controle social sobre o sistema de saúde. A mulher só será bem atendida quando conhecer melhor os seus direitos e necessidades e souber exigir com a força do conhecimento, um serviço melhor. É claro que a possibilidade de exercer o controle social depende do progresso democrático e nele não se esgota. Depende também do profissional de saúde, cuja função, além do atendimento, deve incluir o repasse de informações e conhecimentos sobre a saúde.

Para tanto, a mulher não deve ser vista apenas como instrumento de procriação. A relação paciente-médico deve se inserir num conjunto de necessidades de saúde. Aí se concluem problemas relacionados com adolescência, velhice, menopausa e câncer ginecológico, assim como, controle de doenças sexualmente transmissíveis, crônicas e degenerativas, sem jamais esquecer os problemas sociais e emocionais, bem como, o direito à amamentação, durante o horário de trabalho.

É preciso, desde já, que os países em desenvolvimento discutam e concretizem a prática da atenção integral à saúde da mulher.